

## **Traduzindo em equipe: o intérprete e seu meio profissional**

A interpretação é objeto de relativamente poucos trabalhos acadêmicos no mundo todo. No Brasil, existem menos de dez dissertações e teses que tratam do assunto<sup>1</sup>. Foi por esse motivo, aliado ao fato de ela ser uma das minhas atividades profissionais – sendo a outra a tradução –, que a escolhi como tema do presente estudo. Mais especificamente, tive como objetivo caracterizar e explicar as atitudes e crenças do intérprete para com a sua função profissional, que aqui se restringe à interpretação simultânea, bem como suas ações e reações com relação aos outros agentes que participam de eventos mediados por interpretação. Busquei entender as fontes e naturezas das pressões e restrições que prejudicam o desempenho do intérprete e a maneira de que a profissão vem respondendo a elas no âmbito global e mais especificamente no Brasil. Procurei enxergar essas questões pela perspectiva do próprio intérprete, tomando como foco central suas experiências e expectativas profissionais. Com isso, a expectativa é que tanto os próprios intérpretes como os outros agentes que atuam em eventos com interpretação se conscientizem da complexidade da atividade e da necessidade de um esforço constante no sentido de fornecer as condições adequadas para garantir o melhor desempenho possível.

Outra motivação por trás da escolha deste tema foi o impacto que senti quando comecei a atuar dentro da cabine depois de anos trabalhando sentada em frente à tela do computador. Nessa transição, encontrei uma série de incompatibilidades entre as duas práticas que me causaram um certo estranhamento e que busquei compreender melhor através do estudo acadêmico. Graças à ênfase acadêmica dada aos estudos da tradução no Programa de Pós-Graduação em Letras na PUC-Rio, bem como a minha familiaridade profissional com tradução e interpretação, procurei integrá-las no primeiro momento. Portanto, a primeira parte do estudo, apresentada no Capítulo 2, é uma revisão bibliográfica envolvendo ambas as áreas, que tem como objetivo encontrar e explicar seus pontos em comum e aspectos divergentes, dentro dos limites geográficos do mundo ocidental. Busquei caracterizar as práticas em si e as alterações que

---

<sup>1</sup> Há apenas quatro teses e dissertações sobre o assunto no banco de teses da CAPES, e tenho conhecimento de apenas outras três dissertações de mestrado.

sofreram com o passar do tempo, privilegiando as rápidas transformações ocorridas no século XX, inclusive em termos da nascente estruturação das profissões. Contemplei, também, as teorizações e opiniões expressadas a seu respeito em épocas diferentes por tradutores e outras partes interessadas. Essa perspectiva histórica foi útil por salientar os status relativos das duas atividades e como eram considerados seus praticantes pelos usuários de seus serviços.

Quando se passa para a segunda metade do século XX, no entanto, as duas atividades começam a ser objeto de análise de estudiosos inseridos em um universo cada vez mais amplo e variado. As reflexões dos séculos anteriores cedem espaço para “pesquisas”, “estudos” e “análises empíricas”. Em outras palavras, a crescente institucionalização dos estudos sobre tradução e interpretação vem acompanhada de novas práticas, metodologias e idéias. O concomitante surgimento de trabalhos acadêmicos, congressos, livros, periódicos, associações, sindicatos, etc. indica uma troca inédita de idéias entre praticantes e estudiosos de ambas as áreas. Entretanto, embora haja uma tendência de consolidação, existem os que reivindicam uma separação maior. No final do capítulo, caracterizo e contextualizo o debate atual entre as pessoas que querem aproveitar as reciprocidades entre tradução e interpretação e aqueles que buscam se desvincular dos vertentes com os quais não se alinham.

Antes de continuar, se faz necessária uma breve descrição da interpretação enquanto praticada hoje em dia. Diferentemente da tradução, é um trabalho essencialmente de equipe. Na modalidade de simultânea – indiscutivelmente a mais praticada nos dias de hoje – que emprega cabines à prova de som, microfones e fones de ouvido, os intérpretes só podem trabalhar sozinhos por uma hora no máximo. Em eventos de maior duração, trabalham em duplas, alternando com turnos de 20 a 30 minutos. Como são raros os clientes dispostos a desembolsar o custo extra dos equipamentos para um evento de menos de 60 minutos, os intérpretes quase nunca entram na cabine sozinhos.

Mesmo na interpretação consecutiva, modalidade em que as falas do orador e do intérprete se intercalam, o intérprete não tem a mesma independência do tradutor, estando sujeito a interferências diretas. Às vezes, integrantes da platéia contestam a tradução fornecida pelo intérprete, ou o orador tem dificuldade de se adaptar ao ritmo de turnos com o intérprete. Na *community* ou *dialogue interpreting*, por sua vez, o intérprete ocupa uma terra-de-ninguém entre o

representante do Estado, de um lado, e um estrangeiro, do outro, que, na maioria dos casos, está numa posição desfavorável (acusado de algum delito, pedindo asilo, solicitando ajuda financeira, cuidados médicos, etc.). A sensibilidade da situação do intérprete nesse contexto e as pressões que sofre criam conflitos éticos quase insolúveis.

Ao constatar essas peculiaridades, comecei a perceber que a questão central se encontrava justamente na impossibilidade de o intérprete de simplesmente “fazer seu trabalho”, pois “seu trabalho” envolve considerações muito mais complexas que meramente escolher as palavras certas. É inegável que o processo da produção de traduções escritas pode envolver múltiplas etapas e muitos agentes, mas cada uma tende a ocorrer isoladamente das outras. Se um editor ou revisor alterar o texto do tradutor, este não tem como recorrer (se é que fica sabendo). Por outro lado, se o organizador, orador ou participante de um evento decidir que quer alterar ou impor a tradução de um ou outro termo, isso será comunicado diretamente aos intérpretes, que serão obrigados a levá-lo em conta durante seu trabalho.

Isso é apenas um exemplo da multiplicidade de fatores que restringem a atuação de intérpretes. Mas quais são as outras? E por quê é que às vezes os intérpretes se encontram agindo contra seus melhores interesses, aceitando condições de trabalho inadequadas que sabidamente afetam seu desempenho? O que está por trás da falta de cooperação freqüentemente encontrada entre os intérpretes e as outras partes em eventos com interpretação? E até que ponto a profissão já se consolidou e começou a se articular com uma voz unida?

Busquei na literatura dos estudos da tradução um caminho teórico que pudesse dar conta dessas indagações. Abordagens baseadas no conceito de norma social pareciam oferecer uma luz: Theo Hermans (1999) dedica um capítulo inteiro de um livro a uma investigação de convenções, normas e regras, enquanto Gideon Toury (1995) vai mais longe ao conceber normas tradutórias como parte da abordagem dos *Descriptive Translation Studies*. Aí certamente havia um caminho.

Entretanto, eu não queria abstrair a profissão a ponto de criar ou adotar um modelo sociológico que não desse conta do fator humano. Meu interesse é compreender a *pessoa* do intérprete e como ela reage e responde aos fatores e pressões presentes na sua arena de atuação. Foi nessa busca que conheci o

trabalho pioneiro de Moira Inghilleri, que estuda a interação mediada por intérpretes que ocorre nas entrevistas envolvendo pessoas que pedem asilo no Reino Unido. Ela concebeu um modelo para analisar as entrevistas que combina as normas tradutórias de Toury com alguns dos conceitos centrais do filósofo francês Pierre Bourdieu. Com o uso desses conceitos – sobretudo os de *habitus* e campo – fica possível analisar o comportamento individual (expresso em termos de *habitus*) com relação à estrutura social (ou “campo”) em que atua. Assim, ficou estabelecida a fundamentação teórica, detalhada na primeira parte de Capítulo 3, que enriqueceria a análise dos dados.

Foi a coleta de dados o próximo passo. A maneira escolhida foi a condução de entrevistas com intérpretes que atuam no mercado carioca. Em conversas pouco estruturadas, procurei descobrir as restrições às quais são submetidos quando exercem sua atividade, tentando englobar todas as etapas, desde a contratação e preparação até o evento em si, na cabine. Também perguntei sobre práticas de estudo antes de eventos – quais as fontes das traduções utilizadas e como são encontradas. E procurei saber quais as crenças e opiniões que os intérpretes têm a respeito da sua profissão: quais seriam as características de uma boa atuação profissional e como se garante isso. Detalhes do método empregado se encontram na segunda parte do Capítulo 3.

Em seguida, compilei os dados quantificáveis em tabelas e os qualificáveis em temas. Com isso, ficou possível visualizar os pontos de concordância entre os entrevistados, suas questões principais e as áreas ainda pouco consolidadas (seção 3.3). Usando as ferramentas teóricas descritas acima, procurei, no Capítulo 4, penetrar para além das aparências para encontrar os motivos e fontes dos comportamentos e opiniões encontrados. A identificação das normas tradutórias no grupo de intérpretes entrevistados foi o primeiro passo, que foi seguido por uma tentativa de caracterizar os *habitus* – ou comportamentos individuais – dos intérpretes dessa cidade e os motivos por trás deles. Procurei analisar as restrições mais negativas experimentadas pelo grupo para identificar o que há por trás das interações entre os atores presentes em eventos com interpretação. As possíveis causas da ainda limitada capacidade dos praticantes dessa profissão de se impor perante os outros participantes dos eventos foram identificadas. Por outro lado, considerando-se o pouco tempo passado desde o estabelecimento oficial de interpretação de conferências no país – apenas trinta anos –, ficou claro que os

passos já tomados foram grandes e significativos e as tendências são positivas. Felizmente, há muito o que comemorar.

No final, faço algumas sugestões de possíveis áreas de estudo futuro, e retomo os temas centrais do trabalho: as sinergias entre tradução e interpretação; seus respectivos estágios atuais no mundo acadêmico e profissional; a consolidação da profissão de interpretação durante as últimas décadas no palco global e mais especificamente no Brasil; as implicações dos resultados da pesquisa em termos da atividade e dos estudos da interpretação; e as perspectivas para parcerias futuras em todos os sentidos. Que este trabalho seja uma pequena contribuição no sentido de fortalecer os laços que ligam todos os envolvidos nas duas áreas, e que ajude a fortalecer à voz dos intérpretes em todas suas interações.